

DO CHORO AO RISO: ENTRELAÇANDO AFETOS E VIVÊNCIAS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO/INSERÇÃO DE BEBÊS¹

Sára Maria Pinheiro Peixoto ²

Adriana Diniz Freire de Melo ³

Ana Catharina Urbano Martins de Sousa Bagolan ⁴

Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira ⁵

RESUMO

Compreendendo a adaptação/inserção como um processo primordial a entrada da criança a instituição de educação infantil, este artigo objetiva explicitar como se dá essa vivência, destacando sua importância e o papel de cada um dos envolvidos: criança, família, professor e instituição escolar, procurando entender como ocorre esse processo a partir da vivência de uma prática pedagógica com uma turma de Berçário 2, que compreende crianças com faixa etária de 1 ano e 2 anos de idade, do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN. Assim como, apresenta uma revisão bibliográfica de alguns teóricos do tema em questão, no intuito de estabelecer relações entre estes e a prática desenvolvida no âmbito educacional. Com o estudo foi possível observar a importância de se ter um processo de adaptação/inserção em um ambiente rico em estímulos e prazeroso em que o professor vise o pleno desenvolvimento da criança para que esta experimente esse momento sem muitos conflitos. Dessa forma, a adaptação/inserção torna-se um processo significativo quando a parceria entre escola e família é permeada por confiança e afetividade tendo em vista que, assim, a criança se sentirá segura e acolhida no espaço escolar.

Palavras-chave: Bebês, Infância, Adaptação/Inserção.

1. ABRINDO A RODA TINDOLÊ-LÊ: CONVERSA INICIAL

[...]
*Bom dia, bom dia, vai começar a cantoria,
Bom dia, bom dia, o berçário já chegou,
Bom dia, bom dia, palma, palma, coxa, coxa
Bom dia, bom dia, 1, 2 3 e já ...*

¹ Esse artigo é resultado de projeto de pesquisa e ensino desenvolvido em uma turma de Berçário 2 que compreende crianças na faixa etária de 1 e 2 anos de idade do Núcleo de Educação da Infância NEI-Cap/UFRN.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, sarinha27@gmail.com

³ Especialista em Gestão do Processo Educativo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, adri72@yahoo.com.br

⁴ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, aninhabagolan@hotmail.com

⁵ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, etinharon@gmail.com

Incitamos a abertura desta introdução com a cantiga diária “Bom dia”, cantiga esta, que está presente em todas as manhãs no momento inicial, quando convidamos nossas crianças para sentar na roda e juntos cantarmos e conversamos sobre a nossa rotina. Assim, não poderíamos fazer diferente, convidamos vocês também com essa cantiga para abriremos uma roda de conversa e dialogarmos sobre o processo de adaptação/inserção das crianças da turma de Berçário 2 do ano de 2019, do Núcleo de Educação da Infância – NEI-CAp/UFRN.

Hoje sim, podemos abrir nossa roda inicial com essa cantiga, mas sabemos que para chegarmos nessa etapa e por se tratar ainda da primeira experiência de vida escolar dos bebês, é preciso planejar cuidadosamente essa intenção educativa, organizando o processo de adaptação/inserção com autonomia, tranquilidade e segurança, o que é essencial para nossos pequenos, como também para suas famílias, professores e instituição escolar, daí a metáfora “do choro ao riso”, enaltecendo a relação da afetividade nesse processo.

Somos uma instituição pública que funciona como um Colégio de Aplicação, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN e ao Centro de Educação-CE, com atendimento da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Nessa perspectiva, temos um trabalho pedagógico pautado em um contexto diferenciado, em que as experiências e vivências são construídas, promovendo interações entre criança/criança, criança/adulto, adulto/criança. Dessa forma, as novas aprendizagens são incitadas proporcionando reflexões científicas, pensando sempre a criança como centro de todo o nosso fazer docente.

Nesse entendimento, como uma instituição que além de ser um lugar de aprender e ensinar, do entrecruzamento de saberes e fazeres, traz a essa instituição o comprometimento de pensar organizadores para efetivação de uma prática pedagógica sólida, assegurando-lhe a construção/apropriação de novos saberes e que impulsionem o seu desenvolvimento. (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, NO PRELO).

Essa transição de ambientes do familiar ao escolar é conhecida como o “processo de inserção” das crianças. Nesse aspecto, compreendemos a inserção como o começo de um elo relacional: pais e professores/equipe pedagógica tendo como centro do processo, a entrada da criança. Bove (2002, p. 135), nos aponta a nomenclatura inserção como um termo usado para designar “[...] a estratégia de dar início a uma série de relacionamentos e comunicações entre adultos e crianças quando a criança está ingressando em uma creche ou em uma pré-escola pela primeira vez”.

Pensar o processo de inserção e adaptação desses pequenos que adentram nossa instituição se constitui um canal essencial, para pensar os outros organizadores da dinâmica pedagógica, considerando os tempos, espaços e as especificidades de nossas crianças,

destacando-se como um marco importante na vida de cada um, como também de seus familiares, até porque, a saída do ambiente e aconchego familiar para a imersão de um mundo novo, é sim desafiador. Não podemos afirmar que esse processo de adaptação/inserção só se restringe aos bebês, mas aos familiares e aos professores que também passam por essas apropriações a cada grupo que recebe. Partindo das concepções de criança e infância e desenvolvimento que norteiam nossa Proposta Pedagógica (2017, p. 14, no prelo), entendemos a adaptação como

[...] um processo gradativo, o qual é vivenciado diferentemente por cada bebê e cada criança. Esse processo vai sendo conquistado/construído nas interações com os outros – bebês/crianças, professores e pais – com o meio – instituição e casa. Além disso, considerar a adaptação como um processo significa também levar em consideração o trabalho pedagógico, tanto no que se refere aos campos de experiência e saberes como as metodologias.

Considerando essas especificidades, podemos afirmar que o processo de adaptação/inserção é um momento de responsabilidade que deve ser partilhado entre todos os envolvidos, e nós professores temos ainda que considerar que cada sujeito ali faz parte de um grupo social e cultural, tem histórias de vida distintas e experiências vividas bem diversificadas, desabrochando um composto de sentimentos e emoções nessa nova etapa a ser vivenciada.

Corroborando com essa ideia, Craidy e Kaercher (2001, p. 32) afirmam que

ao entrar na creche ou pré-escola a criança se depara com um novo ambiente, composto de adultos e crianças com os quais ela nunca interagiu. O distanciamento da família por longas horas do dia e a inserção em um novo ambiente, com rotinas específicas, exigirão da criança uma grande capacidade de adaptação. No entanto, este aspecto não diz respeito apenas à criança, mas exige de sua família e também dos/as profissionais que atuam na escola infantil um processo de adaptação.

Sendo assim, a instituição de educação infantil como espaço de múltiplas aprendizagens, deve propiciar momentos nos quais a criança e a família sintam-se acolhidas e seguras, possibilitando momentos que favoreçam a superação das curiosidades, inseguranças e angústias diante desse novo ambiente. Sendo necessário, o professor criar um ambiente prazeroso, acolhedor e lúdico que permita uma relação de trocas afetivas, compartilhando o educar e o cuidar, levando em consideração as características e as especificidades de cada criança, buscando alternativas facilitadoras que nortearão a prática pedagógica no processo de adaptação/inserção.

As pesquisas mostram que o choro é a manifestação mais comum e visível entre os bebês, tanto na chegada quando a criança vai ter que ser entregue àquele adulto “desconhecido”, como na saída, quando os pais/responsáveis retornam para buscá-los, mas não é o único. Além do choro, a criança pode apresentar sinais de perturbação emocional através do grito, mal humor, deitar no chão, a resistência, a passividade, apatia, a não alimentação e até mesmo comportamentos regressivos (BALABAN, 1988).

Para a autora, a adaptação é sim um período transposto de medo, insegurança, choro, ansiedade, emoções, sintomas físicos e orgânicos, ou até mesmo de silêncio e taciturnidade, sensações e sentimentos intensos que cada um vai responder e reagir de acordo com suas particularidades, daí ser um processo doloroso tanto para os bebês, quanto para pais e professores. A autora nos afirma ainda que a separação é uma experiência que ocorrerá em todas as fases da vida humana, em algum momento todos um dia vivenciarão esse momento.

Frente às questões até então explanadas, evidenciamos os aspectos que norteiam esse relato de experiência sobre o processo de adaptação/inserção vivenciado na turma de bebês do Núcleo de Educação da Infância, da cidade de Natal/RN, no ano de 2019. Apresentamos brevemente esses argumentos introdutórios, seguimos pela fundamentação teórica e metodológica considerando as diversas estações vivenciadas por esse grupo, desde a entrevista com as famílias até o momento cultural produzido pelas famílias, expondo os desdobramentos do relato de experiência e dos resultados desprendidos a cada estação e, por fim, tecemos as considerações e as referências que nos fundamentaram na elaboração desse relato e que contribuíram para que esse processo fosse o mais aprazível e deleite possível.

Contudo, pontuamos a relevância dessa discussão, a fim de que possamos ampliar experiências exitosas e que estas possam estar se somando a outras experiências nesse universo rico e vivenciado com os bebês que é estarmos sempre recomeçando e neste recomeçar, estamos pensando, discutindo e aprendendo o tempo todo.

2. APRESENTANDO AS ESTAÇÕES: ENTRELAÇANDO AFETOS E SOCIALIZANDO SABERES

Fundamentados na importância desse momento e de outros aspectos a serem envolvidos e respeitados, a equipe do Núcleo de Educação da Infância NEI-CAP/UFRN, vem encaminhando uma linha de trabalho que possibilite aos bebês e suas famílias, a vivenciarem esse decurso o menos penoso possível, na qual sentimentos de acolhida, de pertencimento e descobertas sejam afluídos.

De acordo com a Proposta Pedagógica da nossa instituição, tivemos como objetivos essenciais nesse processo: a integração da criança ao ambiente da instituição; a percepção do professor como organizador do trabalho pedagógico, entrelaçado por uma relação de afeto, confiança e cooperação; a elaboração de uma rotina diária proporcionando a construção gradativa dos fazeres e acontecimentos considerando os tempos e os espaços e a utilização de algumas estratégias intencionais para uma adaptação mais segura e tranquila para todos (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, NO PRELO). Organizaremos aqui nossas ações educativas denominadas “estações” que narrará todo o percurso do processo de adaptação/inserção dos bebês em nossa instituição.

1ª Estação - Hora de conhecer quem está chegando

Conforme já fora apresentado, como instituição pública que funciona como um Colégio de Aplicação, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e ao Centro de Educação - CE, nossas crianças são selecionadas através de um sorteio que se dá via publicação de Edital para o preenchimento de vagas para o período letivo. Esse grupo é constituído por crianças na faixa etária de 1 ano até 2 anos de idade. Essa turma corresponde à entrada da criança no NEI. Para o ano de 2019, tivemos uma turma de Berçário 2 da Educação Infantil, no turno da manhã, funcionando das 7 horas às 11 horas, com 15 vagas, sendo 1 dessas vagas, destinada para a criança público alvo da Educação Especial.

Considerando a importância que o processo seja desencadeado antes mesmo da chegada da criança à instituição, primeiramente é feita uma reunião geral com a direção e coordenação e os pais das crianças selecionadas no sorteio, de modo que estes conheçam que lugar é esse e os princípios éticos, políticos e estéticos que norteiam o trabalho pedagógico da instituição. Destaca-se ainda um passeio pela escola, se a criança tiver junto melhor ainda, para que todos tenham o primeiro contato com o espaço físico e com as pessoas que ali estão presentes.

Em seguida, as professoras entram em contato individualmente com cada família e marcam um horário para a realização de uma entrevista, cuja intenção é de conhecer com mais especificidade cada criança e sua família, suas particularidades, bem como, ter o primeiro contato com os professores e auxiliares de creche e/ou bolsistas, oportunizando um espaço de boas-vindas, estabelecendo os primeiros laços afetivos e mais segurança com o que está por vir.

Concordamos com Vasconcellos (2016) que nos afirma que o processo de adaptação/inserção abrange todos: criança, família, professores, espaço físico e tudo deve ser planejado junto a equipe técnica pedagógica, uma vez que, trata-se de um processo que se destaca sobre

mudanças emocionais e acaba afetando a todos. Frente a nossa proposta, essa estratégia favorece o fortalecimento do vínculo emocional, pois a medida em que as entrevistas vão sendo consolidadas, os professores buscam deixar os pais mais confiantes em relação ao trabalho a ser desenvolvido neste espaço (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, NO PRELO).

É um momento também dos pais apresentarem suas expectativas, anseios diante do novo e suas inseguranças para que esses sentimentos sejam acolhidos. Fazemos esse encontro na sala de referência da criança, para que a família e a própria criança já possam ter o contato com esse espaço que fará parte de sua rotina todos os dias.

2ª Estação - Berçário: que espaço é esse?

Finalizado o primeiro momento, damos início a nossa segunda estação, momento esse coletivo com apenas as famílias. Neste momento, os pais passam a conhecer e se apropriar de como esse processo de adaptação/inserção se efetivará na prática. A equipe pedagógica (professores e coordenadores de ensino), juntamente com a equipe técnica (psicóloga, nutricionista e a pedagoga), realizam a primeira reunião administrativa/pedagógica com um momento de acolhida e deleite, uma vivência interativa para que seja um momento apesar de formativo, seja também prazeroso e de aprendizagem.

É dado a apresentação do grupo constituído para o ano, expondo algumas especificidades sobre essa fase da infância, destacando a importância do lúdico, da afetividade, da curiosidade que movem esses sujeitos. Sabemos que nessa fase, a criança apesar de ainda não ter sua oralidade desenvolvida, esta é movida pela curiosidade, pelo movimento e a necessidade de se explorar tudo a sua volta. Apresentamos nosso entendimento de infância e criança, destacando que são sujeitos singulares com especificidades que aprendem e se desenvolvem através da ação sobre os objetos, das relações e nas interações com o outro e com meio (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, NO PRELO).

Fig. 1: Reunião Pedagógica sobre o processo de adaptação/inserção



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, 2019.

Nessa conversa, ainda dialogamos sobre a linguagem dessa faixa etária, que nessa fase a palavra é feita em atos, onde não é possível dizer as coisas e apresentar os sentimentos de forma linear e coordenada (PIMENTEL, 2006). Procuramos, assim, promover um ambiente acolhedor, repleto de relações e trocas entre os pares, marcados pela ludicidade em que a criança possa entrar no mundo simbólico mediada pela sua própria linguagem.

Barbosa (2010, p. 2) nos assinala que “os bebês possuem um corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e a forma particular como estes elementos se articulam que vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história”.

Destacamos ainda o Berçário 2 como um espaço de descobertas, exploração, experimentações e sensações em que o cuidar e o educar estão entrelaçados a todo tempo, tendo como eixo estruturante as interações e as brincadeiras, conforme nossa proposta pedagógica. Enfatizamos a importância dos pais/familiares nesse momento, como sujeitos ativos de todo esse processo e qual o papel deles antes e durante é essencial, para que todos os envolvidos possam vivenciar de forma segura e prazerosa esse momento.

3ª estação - Chegou o grande dia! E agora?

Dada toda a fundamentação teórica e epistemológica que sustentam nossa prática, apresentamos que o processo de entrada das crianças não se dará todos de uma vez. Essa primeira semana na instituição precisa ser muito bem planejada, é um momento que a criança e os pais necessitam de uma atenção especial, assim recebemos as crianças por grupos. Em um grupo de 15 crianças, optamos pela seguinte maneira: 1º dia de adaptação/inserção: 5 crianças;

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

2º dia de adaptação/inserção: outras 5 crianças; 3º dia de adaptação/inserção: as outras 5 crianças. Essa escolha é dada à medida que vamos concluindo as entrevistas.

Sob essa perspectiva, adotamos a expressão “inserção”, por compreendermos que essa entrada de inserir a criança acontece de forma leve e sutil juntamente com um de seus familiares. Partimos do entendimento que nesse período os pais/responsáveis precisam também ser acolhidos, e os professores juntamente com seus auxiliares, poderão demonstrar de forma tranquila e segura a maneira como sua criança é recebida e cuidada. Consideramos esse momento muito significativo, pois percebemos uma troca de parceria e cumplicidade entre todos os envolvidos.

As professoras planejam atividades a serem vivenciadas juntamente com crianças e família, considerando a rotina da instituição: momento de acolhida, roda inicial, atividade lúdica, lanche, parque e roda final. Assim, a mesma programação permanece para os demais grupos garantindo, assim, que todos tenham as mesmas oportunidades de vivências e de trocas de experiências, diálogos e atenção.

Apontamos ainda como um ponto a ser considerado, o tempo de vivência da criança na instituição. Nesse período inicial, sua permanência na instituição vai sendo acrescida gradativamente, com o propósito que a criança vá se familiarizando com o ambiente, sentindo-se segura e atendida em suas necessidades.

Fig. 2: Atividade com grupos de crianças



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, 2019.

Passado o 3º dia, em que tivemos o contato com os três grupos, é dado o encontro do 4º dia com todas as crianças e familiares. As famílias participam novamente da nossa rotina, e as crianças que já se encontram mais seguras e tranquilas, vamos solicitando aos pais que possam

ir se retirando do espaço da sala de referência e ficando no lado externo, deixando sempre claro a criança que os pais não foram embora e qualquer situação podemos ir chamá-los, a qualquer momento. A criança também pode trazer de casa um objeto de apego (paninho, ursinho, boneco, chupeta) para ajudar nessa transição, da sua vivência familiar com esse novo espaço escolar.

Assim, vão se constituindo as primeiras semanas de adaptação/inserção, aumentando gradativamente a permanência da criança no ambiente. E esse “desmame” vai acontecendo gradualmente de acordo com as necessidades de cada criança, aquela criança que precisar de um tempo maior, seu responsável permanecerá nas atividades da rotina escolar e, aos poucos, vamos fazendo essa cisão.

Fig. 3: Atividade no parque com todo o grupo



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, 2019.

4ª estação - Acolhendo sentimentos, despertando emoções

Como parte integrante desse processo, é pensando também um momento para os pais, no intuito de que os sentimentos deles sejam acolhidos, compartilhados e elucidados. A equipe técnica (psicóloga, nutricionista e pedagoga), juntamente com a coordenação de ensino, fazem uma roda de conversa somente com os pais, com atividades deleite, leituras reflexivas, textos fundamentados que dê apoio aos sentimentos vivenciados pelos pais/familiares promovendo uma maior segurança e suporte emocional.

É um momento bem particular, onde alguns choram, se silenciam, se soltam, alargam olhos curiosos ao desconhecido. Compartilhamos alguns excertos abaixo:

Eu tenho o sentimento de ciúme da professora que vai fazer a troca da minha filha. Só quem a trocou fui eu! Nunca ninguém trocou a Moana (AMARILIS).

Não se preocupe, esse sentimento é natural, nunca a professora vai trocar Moana como a mãe dela troca, pois é uma relação diferente, mas as professoras irão sim atender e assistir todas as necessidades das crianças sempre com cunho pedagógico (PRIMAVERA).

Eu choro, porque eu nunca me separei da Rita desde que ela nasceu, ela é a minha vida, minha razão de viver, ela é o meu tudo (ANTÚRIO).

Ela continuará sendo a razão do seu viver, seu tudo, a Rita só vai ali crescer, amadurecer e interagir com um outro grupo, criar vínculos e ganhar autonomia (PRIMAVERA).
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Fig. 4: Atividade no auditório com a Equipe Pedagógica e Técnica



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, 2019.

Percebemos momento esse, como um espaço muito rico e instigante, uma vez que os pais/familiares são invadidos por emoções das mais diversas naturezas: medo, ciúme, desconfiança, culpa, separação. Oportunizamos ainda espaço para relatos e depoimentos de outros pais que já tenham vivenciado esse processo com outros filhos, anos anteriores, buscando empreender nessa roda de conversa, que tudo que ali está sendo vivenciado é mais do que normal:

Eu me sinto muito segura, estou passando por isso pela terceira vez, e isso passa, eles se adaptam. Logo, logo, vão entrar dando “xauzinho” na sala de aula e como Gugu, sei que vai ter a hora certa (HIBISCO).

[..] Branquinha já é dada demais (risos), se eu não tiver cuidado alguém leva (risos), ela está amando (BEGÔNIA).
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Deste modo, inferimos que este momento é de grande responsabilidade e deve ser partilhado conjuntamente com a instituição, visto que é preciso o real envolvimento de todos, o compromisso e a parceria tão inevitável para se conhecer e explorar esse novo lugar, esse novo espaço cada qual a sua maneira (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, NO PRELO).

5ª estação - Cuidando de quem cuida

No que se refere as premissas apresentadas, não podemos deixar de destacar a importância do responsável e organizadores de todo esse processo, os professores e auxiliares/bolsistas, considerando também esses sentimentos de pertencimento, de medo e insegurança e que ambos possam refletir sobre os acontecimentos ocorridos, encontrando uma melhor maneira de lidar com as situações que vão sendo proporcionadas.

Ao término de cada dia de adaptação, a coordenação de ensino, juntamente com a equipe técnica senta com o grupo de professores e auxiliares/bolsistas para estarem apontando e refletindo sob os aspectos positivos e negativos do dia, as faltas, bem com os excessos, pensando sempre à frente do dia seguinte e onde mais a coordenação juntamente com a equipe técnica precisava estar mais próxima, estabelecendo também esse olhar cuidadoso, de respeito e cooperação entre os pares.

A esse respeito a proposta de nossa instituição nos assegura que

[...] um dos aspectos mais significativos nesse momento, é o real envolvimento e disponibilidade do professor em planejar e estar com as crianças no sentido de fazê-las sentir-se bem-vindas, bem como se fazer presente em todos os momentos em que elas permanecem na instituição (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, p. 19, NO PRELO).

Um aspecto diferencial frente a outras experiências vivenciadas em outras instituições de Educação Infantil, é o papel e apoio da coordenação pedagógica nesse processo de adaptação. Diante os diversos papéis e atribuições que um coordenador pedagógico acaba tomando a frente, acreditamos que estar presente e mediar esse processo de adaptação/inserção é um elemento essencial nessa relação dual entre família e instituição, dando todo o suporte e orientações cabíveis ao grupo, ora de professores/auxiliares, ora da família, atuando de forma atenta e sensível.

Falar em adaptação é depreender que se trata de um momento moroso e delicado para alçar vínculos, que precisam de tempo e espaços para serem conquistados por todos. É um

processo que não se conclui, está sempre se refazendo a cada instante, ao longo da vida humana (FREIRE, 2000).

6ª estação – Familiares deixam suas marcas, suas histórias

Frente a todo o exposto, vimos que o processo de adaptação não se finda necessariamente, está em um ciclo constante entre sentimentos e segurança. Deste modo, considerando as especificidades das crianças do Berçário 2, toda a rotina é pensada e organizada para que os bebês se sintam tranquilos, seguros e confortáveis, na qual os tempos e os espaços vão sendo construídos e alicerçados conforme esse processo de tranquilidade vai ficando comedido, por isso retomamos mais uma vez a metáfora “do choro ao riso”.

Todas essas considerações respaldam a condição de conceber e planejar as atividades propostas cuidadosamente para nossos bebês. Deste modo, como uma forma de ludicidade e mostrarmos que a escola está sempre em interação com as famílias, a coordenação de ensino, planejou junto aos pais/familiares que fizeram parte desse processo de adaptação/inserção, um momento alegre, prazeroso bem descontraído a ser apresentado para nossos bebês.

Foi organizado uma apresentação cultural baseado na cantiga “A linda Rosa Juvenil”, onde as crianças do berçário seriam os espectadores de toda essa vivência lúdica e encantadora. De acordo com a disponibilidade do grupo, os pais ensaiaram e se organizaram entre si para vivenciarem os diferentes papéis a serem representados (a Rosa, a Bruxa, o tempo, o mato, o Rei), mostrando aos nossos pequenos, desde cedo, que esse espaço novo, é um lugar legal, encantador, de divertimento, nessa relação imbricada que há entre a linguagem e o mundo simbólico.

Fig. 5: Apresentação coletiva dos familiares



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, 2019.

Algumas crianças ficaram maravilhadas frente aos seus pais marcados por personagens de vida e cores, outras assustadas, querendo ir ao encontro dos mesmos, mas também tivemos aqueles que adentraram nesse universo lúdico e poético que é fazer o cotidiano da Educação Infantil. Foi uma forma de mostrar às famílias e as nossas crianças o despertar pelo novo, o movimento pela curiosidade, promovendo interações e trocas de vivências. Culminamos ainda com um lanche coletivo, para que todos sintam-se um grupo pertencente a nossa instituição.

Terminados esse momento de alegria, tivemos a oportunidade de ouvir alguns pais presentes, para termos uma devolutiva de todo esse processo vivenciado durante a adaptação/inserção. Vejamos alguns excertos a seguir:

Nossa como esse momento é prazeroso estar com nossos pequenos. Achei muito importante a participação das famílias em todos as etapas desse processo, nos dá mais segurança (GIRASSOL).

Confesso que tive medo de Mel sofrer. Mas vi que esse medo era mais meu do que dela própria e o trabalho das professoras foram maravilhosos, eu vi brilho nos olhos da minha Mel, isso para mim já é tudo (MARGARIDA).

Só tenho a agradecer. A escola desde o início preocupados com o bem-estar da criança, preocupados desde a acomodação inicial até a hora de ir embora, a disposição o tempo inteiro. Sou muito grato (LÍRIO).
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Como podemos perceber, a criança é o centro do nosso fazer educativo e temos que possibilitar aprendizagens significativas frente a tudo que fora vivenciado e experimentado. Fundamentados em todas essas premissas, acreditamos que a criança não brinca apenas pelo brincar, mas como uma forma de explorar sua imaginação e representar a realidade vivida. Brincando, interagindo, a criança aprende a conviver no grupo, a vivenciar e a elaborar regras, a ouvir opiniões diferentes das suas, a experimentar diferentes papéis sociais, e a posicionar-se quanto indivíduo e enquanto parte de um grupo (MENDONÇA, 2012).

Pensar desde o processo embrionário desse processo é pensar sobre as experiências que queremos desenvolver para nossas crianças, é pensar sobretudo no acolhimento desse novo, desse estranhamento, mas também na receptividade e encantamento, pois este processo não se encasula da noite para o dia, é um fazer constituído diariamente, no intuito de ampliarmos o mundo social, emocional, cognitivo de nossos bebês explorando com a Metodologia de Projetos de Trabalho como também atividades significativas, como sujeitos ativos de sua aprendizagem, considerando sempre suas especificidades não dissociando o cuidar e o educar como parte inerente desse desenvolvimento.

3. FECHANDO A RODA TINDOLÊ-LÊ: CONVERSA FINAL

[...]
*Tchau, tchau, nossa roda terminou,
Tchau, tchau, para casa agora eu vou,
Tchau, tchau dessa roda vou lembrar,
Tchau, tchau amanhã eu vou voltar ...*

Da mesma maneira que incitamos a abertura desse relato convidando-vos para nossa roda de conversa, instigamos agora a realizarmos a roda final conforme fazemos com nossas crianças, para que as mesmas percebam que estamos finalizando o trabalho daquele dia, retomando aspectos das experiências vivenciados colaborando, assim, na construção gradativa de responsabilidade e autonomia no cotidiano escolar.

A entrada da criança à instituição se faz pela necessidade de expandir seu pequeno mundo familiar. Todas as nossas ações educativas foram movidas pelas ideias/concepções de criança e infância, desenvolvimento, aprendizagem, brincadeiras, interações, educar e cuidar, educação inclusiva e avaliação, partindo do entendimento que nossa instituição tem um papel relevante nesse fazer educativo diário, mediando e dinamizando experiências prazerosas.

Acreditamos em um planejamento sistemático e dinâmico desse processo tão importante na vida dos bebês. Podemos dizer que foi um processo tranquilo, mas temos que deixar claro que exigiu de todos muita paciência, confiança, compreensão e disponibilidade, além de atividades instigantes e prazerosas que pudessem ser desenvolvidas com os bebês em curto intervalo de tempo, sabendo que a concentração nessa faixa etária é bem pequena. Teve choro sim, teve medo, teve colo, teve acalanto, mas teve muito desejo de deixá-los bem, movidos pelo encantamento, envolvimento, brincadeira e risos.

As crianças viveram suas experiências de existência em um ambiente marcado pela vivência em grupo, pelo aprendizado dos combinados e limites, nas trocas entre os pares, aprendendo a falar de si e do mundo, observando, tocando, sentindo, experimentando e atuando diretamente sobre tudo que está ao redor, “aprendendo a falar, dizer de si e do mundo [...] Quando se pode andar, falar, pensar o mundo se alarga. E, pela palavra, podemos revisitar lugares vividos e imaginários” (PIMENTEL, 2006, p. 37).

Apontamos como essencial essa parceria e interação entre família e instituição, para que haja a construção de laços e vínculos saudáveis, favoráveis a troca de vivências e ao pleno desenvolvimento da criança, sendo ela o principal sujeito desse processo, pois a confiança e segurança vão sendo estabelecidas à medida que os dias vão passando e os pais conhecendo o trabalho pedagógico desenvolvido.

O professor é fundamental, pois são eles que mediarão esse laço de estabilidade e clareza de como agir com os pais, hora de um pai ficar, hora de um pai sair da sala de referência. A quantidade de adultos por sala também deve ser pensando, nem muito, nem tão pouco, deve ser o número ideal pela quantidade de crianças, pois assim, um adulto encaminha o trabalho pedagógico, enquanto o outro fica mais disponível para se envolver com as situações adversas que podem vir acontecer (choro, vômito, troca de fraldas, etc) e, ainda, um outro para colaborar nessa acolhida, segurança com as famílias, é um trabalho de parceria.

A rotina, tem uma grandiosa importância de situar a criança no tempo e no espaço, favorecendo a criança aprender que depois de uma atividade vem outra bem como a previsão do que vai acontecer. Tendo o papel de organizadora estrutural das experiências cotidianas. Como enuncia Zabalza (1998, p. 52), “o cotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e a autonomia”. Essa dinâmica é fundamental para que o sujeito adquira independência e segurança ao acompanhar e perceber o que vai fazer depois.

Reiteramos a necessidade de estabelecer uma rotina de atividade (mesmo que flexível), desde o primeiro dia, com momentos bem definidos, orientando as crianças e pais sobre esse marco inicial da vida escolar. Deste modo, tecemos essas considerações finalizando que

A adaptação não se inicia, nem se encerra e, tampouco se restringe à entrada das crianças na instituição, mas se dá de forma processual e continua, sempre que enfrentamos uma situação nova ou que por algum tempo ficou distante do convívio cotidiano. Nesse sentido, se inicia com o nascimento, nos acompanha no decorrer de toda a vida e ressurgue a cada nova situação que vivenciamos (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, p. 21, NO PRELO).

É sob esta e outras concepções que estão alicerçados nossos saberes e fazeres desta instituição de Educação Infantil, garantindo uma ação educativa consistente, considerando as especificidades dessa faixa etária, promovendo uma relação social com o outro, com o meio, com o conhecimento de forma lúdica e encantadora.

REFERÊNCIAS

BALABAN, N. O início da vida escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. In: **Anais do I Seminário Nacional: currículo em Movimento**. Perspectivas Atuais: Belo Horizonte, 2010.

BOVE, Chiara. Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella. **Bambini**: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002

CRAIDY, Carmem e KAERCHER, Gládis. **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

VASCONCELLOS, Vera M. R. de; SOUZA, Sirlene. O.; SILVA, Daniele Félix da. Creche, Inserção e Berçário. In: VASCONCELLOS, Vera M. R.; EISENBERG, Zena. (Org.). **As muitas faces de uma creche**: pesquisa acadêmica na Educação Infantil. 1ed. Curitiba: Editora CRV, 2016, v.1, p. 37-59.

MENDONÇA, U. M. S. de. **Novos olhares das crianças sobre a Escola de Educação Infantil**. Natal: EDUFRN, 2012.

PIMENTEL, G. S. Entrelaçando vivências e saberes na Educação Infantil. In: **Coleção Faça e Conte**. Núcleo de Educação da Infância, Natal: UFRN, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Educação. Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação. **Proposta Pedagógica**. Natal, 2017, no prelo.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.